REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 862

10 DE DEZEMBRO DE 1902

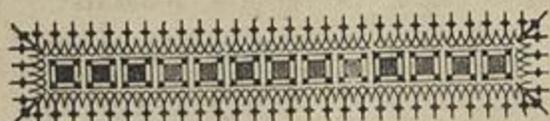
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

DR. PRUDENTE DE MORAES, EX-PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS-UNIDOS DO BRAZIL

FALLECIDO EM 3 DO CORRENTE

CHRONICA OCCIDENTAL

Estiagem de novidades em pleno dezembro, o caso não é vulgar; mas que semana tivemos tão pacata! Com o melhor anzol iscado a capricho não se pesca uma noticia por muito que, pisando a importuna lama, ande um homem toda uma tarde a correr os centros de cavaco.

As melhores já lá vão. O Principe russo levaram-o para Badajoz e a questão, que sobre sua prisão se levantou, esmoreceu, como apagada já anda a dos novos decretos sobre caminhos de ferro em Africa.

Sobre este assumpto, devéras dos mais importantes para Portugal, é de notar o applauso que de alguns jornaes costumados a ferrenha opposição a seus actos, recebeu o sr. ministro da marinha.

Ainda d'Africa podemos falar alegremente dando noticia da chegada dos soldados que tão denodadamente se portaram na campanha do Barué.

Noticia, áliás, já quasi velha tambem.

Voltou Elrei de Londres a Paris onde se encontrou com a Rainha, Sr.ª D. Maria Pia, e d'ahi deve seguir para Madrid, onde já foi traçado o programma das festas com que será recebido pelo monarcha hespanhol D. Affonso XIII.

Noticias velhas ou previsões, pouco mais nos deu este principio de dezembro geralmente tão fecundo, quando se começa fallando de bailes e festas, de theatros em que se preparam peças, de camaras em que se preparam discursos.

Arte e politica pouco deram de si para falar-se.

Succede ás vezes ser n'estas circumstancias que mais noticias apparecem, porque de pequeninos nadas, muito assoprados, se fazem grandes coisas e se dá berros que até parecem os da montanha a parir um rato.

Não se olha para que se escreve, olha-se apenas para quem, porque o publico é curioso e quer pormenores e commentarios, quer ás vezes saber se eram de quadradinhos as calças do atropelado e se tem pera o 104 da 2.ª

Com tudo isso e com uma ou outra peta á mistura, a discripção do nascer do sol e o tempo que fazia, lá se consegue com o que merecia duas linhas estical-o pelas orelhas até columna e meia.

Mas falta n'isso tudo a sinceridade, aquella virtude que tão interessantes tornam para nós agora alguns manuscriptos velhos, cujo auctor mal sabia que seus apontamentos diarios poderiam alguma vez ser pela imprensa publicados.

Entre todos é curiosissimo o noticiario que em sua cella foi archivando Frei Alexandre da Paixão nas *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*, livro de historia entre todos excellente, não pelo espirito critico do frade nem pelas opiniões que professa, mas pela rudeza com que escreve o que ouviu ou lhe contaram. Que differença entre o que foi e as longas periphrases dos chronistas! Quem ler a *Catastrophe* e depois as *Monstruosidades*, como mais vivos os homens aqui lhe apparecem! Como fala o Marquez de Cascaes a D. Affonso VI e como o frade o archivou *ipsis verbs!* Ali as palavras eram duras; mas quanta mais vez é o facto nu e cru que elle nos conta, porque nunca suppoz que no seculo XX ainda d'elle e de sua obra se falasse!

E', entre muitos outros factos que nos aponta, curiosa a noticia de uma obra que então appareceu de auctor anonymo e que se intitulava: MEMORIA DE LAS MAS FAMOSAS COMEDIAS QUE HASTA AORA HAN SALIDO EN ESPAÑA, CON LOS NOMBRES DE LOS AUTORES, ECHA POR EL REVERENDO SACRISTAN DE SAN TROCAS.

Os auctores eram sujeitos da côrte e accommodados aos titulos. Citamos alguns que hoje melhor percebemos:

Quien todo lo quiere, todo lo pierde e *A un tiempo Rei y vasallo* do Conde de Castel Melhor, n'esse tempo ministro absoluto.

Los encantos de Medea da Rainha que se esperava, D. Maria Francisca de Saboia, mulher dos dois irmãos D. Affonso VI e D. Pedro II.

El valor de las mujeres da Marqueza de Castel Melhor, que, auxiliando seu marido, denodada se mostrára em alguns combates.

Les privilegios de las mujeres, das Calcanhares, em attenção á Calcanhares, escandalosa amante de Elrei.

El feudo de las cien donzellas e *Por el mal me viene el bien*, de Henrique Henriques de Miranda, cujo officio junto de D. Affonso não parece ter sido dos mais honrosos.

Otro demonio tenemos, de Antonio de Sousa de Macedo, que succedeu no poder ao Conde de Castel Melhor.

La horca para su dueño, de Antonio Conti, valido de D. Affonso VI ainda no tempo da regencia da rainha D. Luiza.

La traicion busca el castigo de D. Pedro, o Pecinga, napolitano, que, sendo vassallo de D. Filippe IV, servia no exercito portuguez e entregou Evora d'onde sahiu mascarado.

Diceme com quien andas de Elrei D. Affonso e dos principes do tempo, que andavam na peor das companhias.

Cada uno para si de todos os ministros.

Tarde, mal e nunca da mesa da consciencia.

Fez-se diligencia por se conhecer o auctor da obra, mas não houve dar com elle, o que não admira.

Uma noticia d'estas sobre toda a gente não apanhamos nós agora nos tempos que vão correndo. Nem por media entre o muito mal e o muito bem que de todos se diz se poderá mais tarde concluir a verdade, porque elogio e censura andaram muita vez muito longe d'ella.

E', quando novidades escaceiam, que mais perigosa se torna a mentira, não muita vez do facto em si, mas da sua importancia. Bom é andarmos prevenidos nos tempos que vão correndo.

Nem sequer os theatros, sempre n'esta epoca reclamando suas peças em todos os jornaes, dão por emquanto que falar. Será talvez a primeira recita do *Maior Castigo*, que para ámanhã se annuncia, a que venha quebrar este gêlo. Por todos os motivos o desejamos e muito, pelo talento que reconhecemos em seu auctor, Raul Brandão e por quanto nos são altamente sympathicas as qualidades excepcionaes do originalissimo escriptor e bom amigo nosso.

Teremos ao menos que discutir, que uma peça de Raul Brandão não póde nunca apagar-se no gelo da indifferença. Daremos assim, e assim darão os jornaes, uma treguasinha ás variadas historias de furtos e roubalheiras com que por toda a parte nos mimoseiam. Os gatunos hespanhoes deixarão de ser heroes, um dia só que seja, e dar-se-ha menos cuidadosa attenção ao que por Lisboa e Porto, contra as lojas e nos americanos, andam, entre correrias azafamadas da policia, a praticar como peritos sahidos da universidade da intrujice.

Agora é o submarino que trabalha dizendo-nos que M.me Humbert já se acha — não sei se tranquillamente estabelecida — na republica Argentina. A amante d'um dos patifes sahiu ha dias de Paris e lá andam os agentes policiaes, de trapo quente na mão, atraz d'ella, procurando saber aonde iria. Até, porque foi o caso levado ás camaras, se fala d'um duello entre dois grandes politicos francezes!

E é no meio d'estas azafamas, d'esta febre de dinheiro conquistado seja como fôr, que os poetas abençoados continuam cantando á gente, uns repetindo musicas que ouviram ás arvores, ao mar e aos rouxinoes, outros o que ouviram á propria alma no silencio d'uma noite saudosa.

Não falamos aqui de livros, mas é tamanho o contraste, que o quizemos notar.

Depois d'um telegramma da Havas sobre a fuga da velhaca franceza, não será curioso ouvir Bernardo de Passos no seu *Adeus*... dizer-nos:

> Não sei se cantam, se choram,
> As fontes correndo ao mar.
> Se canto, sinto que cantam,
> Mas se choro, oiço-as chorar.

Elles fogem da vida que os molesta; sabe-nos ás vezes bem fugir com elles.

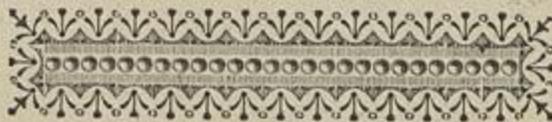
Saudades do coração se chama o novo volume de versos de Guedes Teixeira, um dos grandes poetas portuguezes modernos, de quem, ha tempos, demos no OCCIDENTE uma poesia, cheia de saudade e de sentimento patrio, escripta a bordo do navio que o levava para a Africa Oriental. E' mais uma enfiada de perolas preciosas que temos em nosso thesoiro de Portugal.

BERNARDO DE PASSOS

Abre o novo livro com os seguintes versos:

> Dorme-me a alma um grande sonho: em roda,
> Ha um silencio de coisas, que revela
> Uma infinita magua...
> Atiro os olhos para a vida toda...
> Subo-os depois á abobada celeste
> E ficam cheios d'agua.
>
> D'uma grande agonia a alma se ensombra,
> E perdido o meu sonho pelo espaço
> Eu diviso-o por fim...
> E procuro affeições e encontro sombra,
> Ergo os braços e abro-os n'um abraço
> E só me aperto a mim.

Que mais é preciso para definir um grande poeta?

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

DR. PRUDENTE DE MORAES

Ha poucos dias registavamos no n.º 860 do OCCIDENTE, a morte do Dr. Manuel Victorino Pereira ex-vice-presidente da republica do Brazil, e já hoje temos de enlutar estas paginas com a noticia do fallecimento do Dr. Prudente de Moraes, noticia que o telegrapho transmittiu no dia 3 do corrente.

Assim vae o Brazil perdendo os seus homens mais notaveis e que mais se esforçaram pelo triumpho da Republica n'aquelle riquissimo paiz.

O illustre ex-presidente da republica dos Estados Unidos do Brazil falleceu com pouco mais de 60 annos de idade, tendo nascido em Itu.

Foi o primeiro presidente eleito pelo sufragio geral em abril de 1894 e de que muito dependeu a pacificação do Brazil, pois que era o homem publico que mais se impunha pela sua respeitabilidade, espirito liberal e conciliador.

Mas se o seu governo liberal e justo satisfez a uma grande parte do seu paiz, nem por isso foi isento de difficuldades e desgostos, que muito abalaram a saude do Dr. Prudente de Moraes.

A carreira politica do illustre extincto principiou em 1866, em que, pela primeira vez foi eleito deputado. Tinha concluido ha pouco a sua formatura em direito na Universidade de S. Paulo.

Advogado e orador de primeira ordem, o seu nome foi desde logo indigitado para representante do seu paiz, no parlamento brazileiro.

Quando, em 1870, se principiou a organisar no Brazil o partido republicano, que desenove annos depois devia depôr a monarchia, o dr. Prudente de Moraes foi dos primeiros a infileirar-se n'aquelle partido a que dedicou as suas grandes faculdades, sendo eleito em successivas legislaturas.

Triumphando a Republica em 1889, foi o dr. Prudente de Moraes nomeado presidente do Estado de S. Paulo e depois eleito senador e presidente do senado.

Dissemos que o seu governo liberal e justo não o isentou de desgostos e assim foi, pois que alem de muitas contrariedades com que teve de luctar, ainda se levantou contra elle mão assassina, quando, em 1896, tendo ido ao arsenal receber as tropas que vinham da Bahia, commandadas pelo general Barbosa, de tomar parte na celebre campanha de Carrudos, um soldado desparou sobre elle a espingarda. Felizmente o tiro não acertou, mas o dr. Prudente de Moraes ficou bastante impressionado por aquelle attentado contra a sua vida.

Em novembro de 1897 o dr. Prudente de Moraes, sentindo-se muito doente e cançado, passou o governo da Republica ao seu substituto, o dr. Manoel Victorino Pereira, retirando-se á vida particular.

GABRIEL PEREIRA

Raro no nosso paiz se tem feito tão inteira justiça como agora fez o governo, nomeando inspector da Bibliotheca Publica o sr. Gabriel Pereira.

Estava naturalmente indicado o antigo e zeloso bibliothecario para preencher a vaga deixada por Lino d'Assumpção, mas tanta vez se tem visto torcer a boa justiça e ceder ás altas influencias politicas, que é motivo de duplo aplauso quando se vê justamente recompensado o merecimento e zelo de um funcionario publico.

Vem de longe a dedicação aos estudos bibliographicos do sr. Gabriel Pereira, quando ainda novo o vimos na Bibliotheca d'Evora, desentranhando do pó dos seculos tantas preciosidades bibliographicas, dando noticia da sua existencia, facilitando assim bons subsidios historicos aos estudiosos e investigadores da historia e da litteratura.

O zeloso e intelligente funccionario, veiu depois continuar seus estudos e investigações na Bibliotheca Publica de Lisboa.

Aqui encontrou-se mais á vontade. O que para muitos seria um labyrintho, aquella agglomeração de livros impressos, manuscriptos, autographos de tempos idos e de hoje, foi para o sr. Gabriel Pereira um manancial de que auferiu preciosos fructos, pondo-se em pouco tempo, ao facto d'aquelle thezouro precioso, graças aos vastos conhecimentos que possuia e ao seu trabalho constante e intelligente.

São conhecidos os trabalhos d'este erudito homem de lettras, a sua collaboração nas revistas litterarias e artisticas Quem desconhece o auxilio que o sr. Gabriel Pereira tem prestado a quantos estudam e investigam no grando archivo da Bibliotheca Publica?

Ninguem mais solicito em attender, ninguem melhor do que elle conhece e sabe o que se archiva nas estantes d'aquellas sallas e compridos corredores da Bibliotheca.

É por isso que todos que andam nas fainas litterarias a elle se soccorrem, para lhes indicar um filão, para lhes esclarecer um ponto historico, tirar uma duvida, e raro, muito raro deixarão de saber ou achar o que buscam, por que Gabriel Pereira, com a sua memoria prodigiosa, encontra sempre na Bibliotheca com que satisfazer os que estudam e investigam sobre a historia e litteratura.

Eis por que todos nos congratulamos ao vêrmos nomeado para inspector da Bibliotheca Publica o sr. Gabriel Pereira.

DR. XAVIER DA CUNHA

A nomeação do sr. Gabriel Pereira para inspector da Bibliotheca deixou vago o logar de director.

Para este logar foi nomeado, tambem com inteira justiça, o primeiro conservador sr. dr. Xavier da Cunha, cujos trabalhos litterarios são bem conhecidos e que tantas vezes tem honrado as columnas do OCCIDENTE com a sua apreciavel collaboração.

A sua paixão pelas lettras levou-o a deixar a medicina, sentindo-se muito melhor no meio litterario do que entre a clinica.

Foi assim que, em 1886, depois de um brilhante concurso, entrou para conservador da Bibliotheca, onde a sua superior intelligencia e não menos actividade e zelo pelos serviços a seu cargo, justificou plenamente a nomeação.

O sr. dr. Xavier da Cunha é considerado um

dos primeiros camonianistas e a sua obra intitulada *Pretidão de Amor* em que reuniu traducções, em todas as linguas, do soneto de Camões dedicado á celebre escrava é um trabalho de primeira ordem. Este livro, bastante volumoso, foi primorosamente impresso na Imprensa Nacional a expensas do benemerito camonianista sr. dr. Carvalho Monteiro.

Enthusiasta admirador de Almeida Garrett, sobre o illustre poeta tem publicado varios estudos e com alvoroço se associou á fundação da Sociedade Litteraria Almeida Garrett.

E' socio da Real Academia das Sciencias de Lisboa e de outras sociedades scientificas e litterarias.

Não podia ser mais acertada a nomeação de tão illustre homem de lettras, para o logar de director da Bibliotheca Publica de Lisboa.

EL-REI D. CARLOS I EM INGLATERRA

Em o n.º 860 do OCCIDENTE pozemos os nossos leitores ao facto da maneira affectuosa e festiva com que El-rei D. Carlos foi recebido em Paris; hoje daremos, em rapidas linhas, conta da forma não menos cordeal e enthusiastica com que o soberano portuguez foi recebido em Inglaterra.

A's quatro horas e meia da tarde de 17 de novembro El-rei D. Carlos, acompanhado pela sua comitiva, chegou a Douvres, onde o aguardavam lord Suffield e o capitão de mar e guerra Seymoor Fortescue, camarista do rei Eduardo VII, postos ao serviço do sr. D. Carlos, e todas as auctoridades militares e civis de Douvres. Ali o esperava um comboio especial para o conduzir a Windsor.

Quando o comboio chegou a Windsor, já Eduardo VII aguardava a chegada do rei de Portugal, e não podia ser mais affectuoso e tocante o encontro dos dois monarchas, no meio de suas comitivas e do povo que se agglomerava na *gare* e imediações saudando enthusiasticamente os dois soberanos, saudações que continuaram durante todo o trajecto até ao castello de Windsor.

N'aquelle antigo castello, habitação de principes e um dos mais preferidos pela fallecida rainha Victoria, passou El-rei D. Carlos os primeiros dias de sua estada em Inglaterra, entre as diversões que o rei Eduardo VII proporcionou ao seu hospede.

A convite do rei Eduardo VII, plantou El-rei D. Carlos uma arvore no parque de Windsor, proxima a uma arvore ali plantada pela rainha Victoria para commemorar a ultima vez que o principe Alberto ali caçou; e a outra plantada pelo rei Eduardo VII commemorando a sua primeira caçada depois de rei.

O castello de Windsor esteve em festa aquelles dias, succedendo-se as caçadas e os banquetes em que se trocaram affectuosos brindes e a que assistiu a côrte e ministros da coróa.

O banquete do dia 22 foi o mais notavel porque a elle assistiram alem das comitivas reaes, a princeza Victoria, os duques de Fife, de Connaught e de Devoushire, o principe Luiz de Battenberg, o ministro Chamberlain, etc. Depois do banquete realisou-se a representação da comedia, de Barrie, *Guality Street*, desempenhada por miss Ellaline e Seymour Kicks.

Em seguida á representação foi servida uma ceia em mesas dispostas ao longo da Galeria de S. Jorge, uma das mais notaveis do castello pela sua decoração onde se observam os brazões dos cavalleiros da Jarreteira e algumas armas reaes portuguezas. Em uma das salas do castello vê-se um retrato de D. Maria II pintado por Lawrence.

No domingo 23 de novembro foi El-rei D. Carlos ouvir missa á egreja catholica de S. Eduardo onde o recebeu o reitor. Um destacamento da *life guarda* e o terceiro regimento da guarda escocesa prestou as honras militares á porta do templo.

Depois d'esta missa El-rei D. Carlos acompanhado por Eduardo VII e principe de Galles, visitou a capella de S. Jorge, no côro da qual tomam assento os cavalleiros da Jarreteira e onde se vê um brazão d'armas de D. João I de Portugal.

No dia 24 foi El-rei D. Carlos a Malbourough e Didlington, visitar a duqueza de Malbourough, sendo recebido festivamente.

Houve um opiparo *lunch* depois do qual o sr. D. Carlos plantou uma arvore no grande parque, como recordação da sua visita.

As tres horas seguiu para o palacio dos duques em Didlington Hall de visita a lord e a lady Ambrert de Lakney, onde esteve dois dias.

No dia 27 chegou El rei a Londres indo para o palacio de Buckingham. No dia seguinte partiu para Chatam onde foi passar revista ao regimento de *Oxford Light Infantry* de que o rei de Portugal é coronel honorario.

Não podia ser mais enthusiastico o acolhimento que o sr. D. Carlos teve, quer na chegada á estação de Chatam, onde foi recebido pelas auctoridades militares e civis, lendo o mayor uma allocução a sua magestade, quer nas ruas por que passou para se dirigir ao quartel. Na estação fazia a guarda de honra um regimento de cavallaria e outro de infanteria tocando as bandas o hymno portuguez. Um regimento de hussards escoltou a carruagem real em que El-rei se dirigiu para o quartel.

No meio das saudações do povo chegou El-rei D. Carlos ao campo onde estava formado o seu regimento, ao qual saudou e passou revista.

Depois da revista foi servido um *lunch* em que sua magestade fez um brinde ao rei de Inglaterra e outro ao regimento de *Oxford Light Infantry*, exprimindo a sua satisfação pelo magnifico aspecto dos soldados, recordando a ardua campanha da Africa do Sul. A este brinde respondeu o coronel Dalzel, recordando tambem as campanhas do seculo passado em que o exercito inglez se bateu ao lado do exercito portuguez.

Pela primeira vez o regimento de *Oxford Light Infantry* fez continencia ao seu coronel honorario.

El rei D. Carlos deve deixar Londres no dia 8 de Dezembro e voltar a Paris, d'onde seguirá depois para Hespanha.

BEIRA

Apresentamos hoje aos nossos leitores mais duas vistas da Beira, a florescente cidade fundada pela Companhia de Moçambique, onde ainda ha poucos annos era um paiz selvatico em que não existia uma edificação regular.

Assim se mostra á evidencia quanto se tem trabalhado nos ultimos annos para colonisar e povoar convenientemente a Africa portugueza, atravez de todas as difficuldades em que a maior é, sem duvida, a falta de capitaes portuguezes, que pouco se inclinam a estas emprezas africanas.

Entretanto a Africa Oriental progride a olhos vistos e tanto o movimento dos seus caminhos de ferro, como o desenvolvimento das suas alfandegas mostram a riqueza da exploração.

De umas notas estatisticas que temos presente vemos que a media do rendimento mensal do caminho de ferro do Pungue attinge 23 477 libras, o que corresponde a 455 libras por kilometro.

O rendimento da alfandega de Moçambique que em novembro de 1900 fôra de 14:800$000 réis e egual mez de 1901 de 4:900$000 réis, elevou-se em novembro d'este anno a 31:000$000 réis.

Mais importante ainda foi o augmento que teve o rendimento da alfandega de Lourenço Marques, que em novembro ultimo attingiu a quantia de 101:000$000 réis.

Reacções, revoluções e guerras civis

(Conclusão)

São as revoluções um recurso extremo com que muita gente acredita ser possivel dar solução definitiva aos problemas politicos de caracter complexo que agitam as massas populares e interessam vitalmente as sociedades cultas.

Os proprios governos de vida ephemera lançando mão de processos immoraes para alcançar o poder semeiam assim com leviandade pasmosa o germen pernicioso de que brotam no tempo os obstaculos mais sérios a sua manutenção.

A estabilidade de instituições humanas resulta de facto da maior somma de elementos de reconhecido valor intrinseco capazes de contrabalançar o effeito de causas viciadas e de correntes oppostas ao triumpho salutar de ideaes justos, não sendo para temer a diversidade de opiniões por motivo de fórma externa visto antes contribuir a preparar terreno accommodado á equiparação logica de forças e a conveniente exame de principios.

A discussão conduzida friamente dentro de limites racionaes e sem se desviar de regras indispensaveis de cortezia elementar é o melhor laboratorio de que ha noticia para descobrir a verdade e produzir luz.

As praças publicas nunca offerecem bom parallelo a centros illustrados em que se definem direitos seculares e se formulam codigos que devem reger nações: a anarchia tem lá campo genuino de desenvolvimento sinistro e exercito numerosissimo onde se prover de sequazes para emprezas detestaveis.

Isto não quer dizer que seja impraticavel a desordem no seio de assembléas de representação nacional e que não posse filiar-se em tumulto de multidões ameaçadoras alguma phase nova de moralidade e de synergia social immensamente superiór a systemas já experimentados e caducos.

Não é licito porém deixar medrar abusos até o ponto de assumirem proporções agigantadas, nem tão pouco apadrinhar complacentemente scenas escandalosas inauditas.

O primeiro motor de revoltas está na má orientação politica dos governos.

Não é debalde que estes assistem de braços cruzados a machinações egoistas de partidos, e não é em vão que accedem a insinuações alheias ao interesse de Estados.

A medida de soffrimentos e de vexames acabrunhando os povos acaba sempre por encher-se e trasbordar soando então a hora propicia de liquidação inadiavel.

É a revolução propriamente dita circumdada de seus satellites candentes, immergindo no mesmo pelago absorvente culpados e não culpados, sicarios e victimas, homens de merito insubstituivel e miseraveis preeitos.

Entre todos os males de natureza fulminante, á incidencia e ao accommettimento dos quaes os povos se acham expostos, nenhum ha mais funesto que uma revolução, phenomeno repercussivo de consequencias essencialmente perduraveis.

Os cataclysmos physicos mais extraordinarios que assoberbam regiões inteiras subitamente, qualquer que seja a vastidão de espaço abrangida por elles não são tão irreparaveis no damno que produzem pela violencia de sua passagem vertiginosa como o explodir de paixões humanas, apenas susceptiveis de sopeamento ligeiro pelo aspecto da força armada nem sempre cumplice de torpezas do poder.

Cumpre a todos os homens que se presam de dignos e são conscios de seus direitos e deveres como membros da sociedade a que pertencem fazer sentir aos dirigentes do corpo social quaes as responsabilidades a que estão adstrictos e qual a meta que lhes é defezo ultrapassar em linha de conducta.

É altamente censuravel permittir que se conservem á testa de negocios publicos, provocando imbecilmente reacções perigosas e concitando ódios lamentaveis governos de conveniencias particulares, ainda no caso de lhes ser certissimo esmagar depressa a cabeça de qualquer hydra revolucionaria. As commoções violentas e os abalos temerosos animam a exercicio impune de vinganças anonymas, não remediando muitas vezes de maneira efficaz as situações gravemente affrontosas e patenteando até nos momentos de seu inicio hediondas podridões individuaes investidas em mando supremo.

Estas consequencias irrisorias de semelhantes movimentos, em geral não previstos em todos os accidentes provaveis por isso que quasi sempre occorrem com precipitação, devem ser materia de apreciação prévia e de estudo sizudo antes de se delinearem planos concernentes a impor methodos politicos novissimos e formas diversas de governo.

Ha outros processos seguros de fazer entrar na ordem agentes de poder e chefes de Estado sem recorrer á populaça infrene e á força brutal: esses processos suggere-os o bom senso revelado na escolha de delegados do povo, suscitam-se nas condições de meio, vigoram se e radicam-se conforme as circumstancias que surgem.

No constitucionalismo puro o chefe de Estado desempenhará o seu papel a contento de todos se o cercarem bons ministros.

E para que estes sejam bons basta querel-o a vontade nacional exemplificada salutarmente por signaes categoricos de nobre civismo e por opposição severa a desmandos autoritarios.

A independencia de caracter vale e suppre optimamente uma revolução.

As luctas e dissensões intestinas dos povos são realmente calamidade pavorosa e maneira selvagem de sustentar direitos.

A faúlha originaria que as explica tem muitas vezes por centro pyritoso a simples ambição de mando, o ciume de ineptos e o desregramento de paixões! Servem e aproveitam-se para seu bom exito intrigas de infamia, embustes de hypocrisia e vicios abjectos de escoria vil.

As scenas que se passam durante as effervescencias de guerra civil definem-se por actos de cannibalismo, caracterisam-se por constante rapina, offerecem o cunho typico de fratricidio consummado!

GABRIEL PEREIRA
Novo Inspector da Bibliotheca Publica

DR. XAVIER DA CUNHA
Novo Director da Bibliotheca Publica

«Amar as dissensões entre concidadãos, disse Réal n'um capitulo de seu *Direito Publico*, e alegrar-se ante o espectaculo do sangue, da carnagem e das crueldades que as seguem e as acompanham é não ter religião nem respeito pelas leis, nem ternura para com os parentes e para com a familia.»

O poeta latino Lucano pintou n'estes termos de expressão profunda e energica o quadro da guerra civil: «oppôr furias a outras furias, serpentes a outras serpentes, achar sempre novos recursos para redobrar a crueldade e o assassinio.»

Merecem tambem que os transcreva aqui os seguintes versos do illustre francez Corneille:

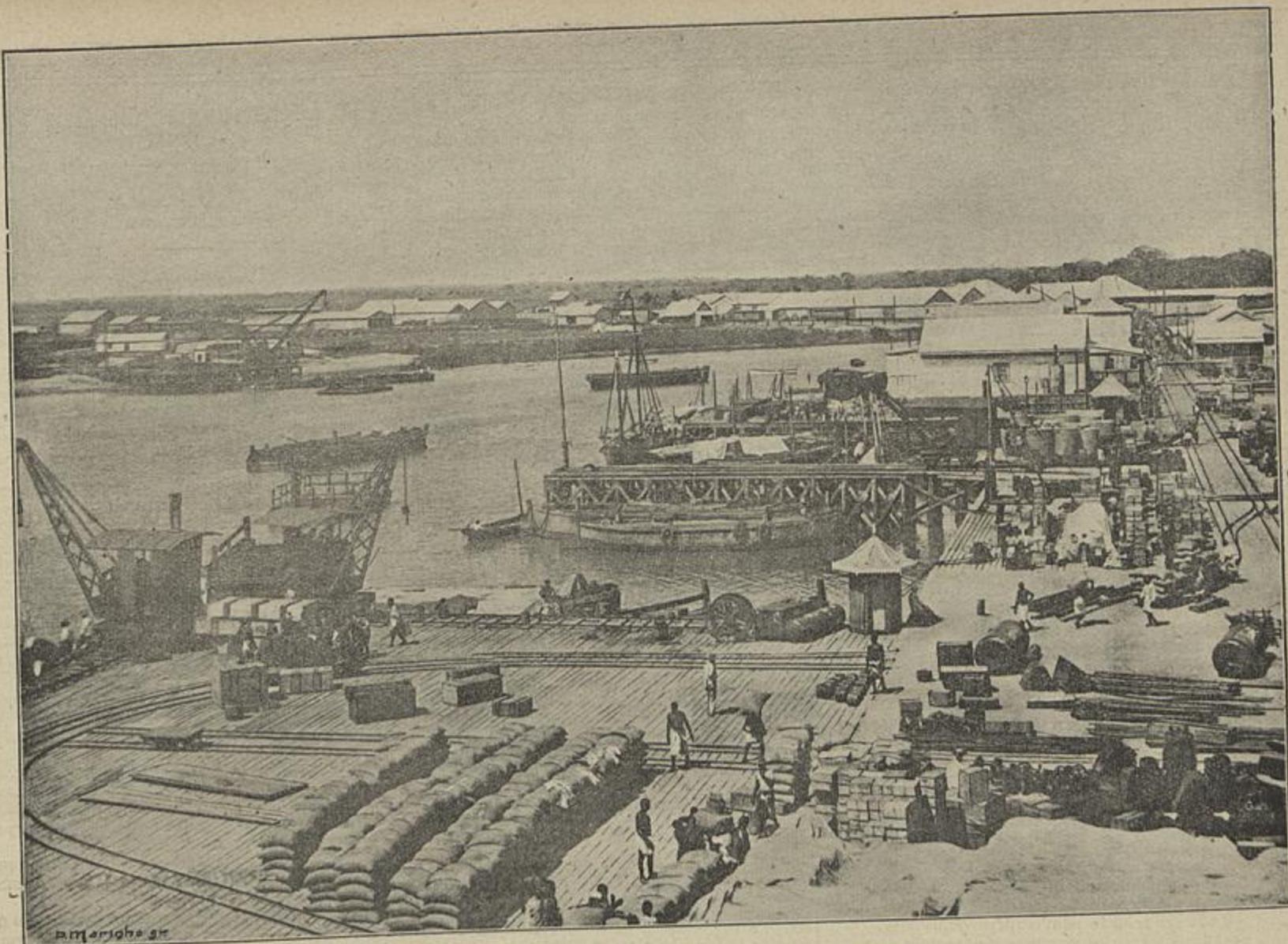
«Le méchant par le prix au crime encouragé,
Le mari dans son lit par sa femme egorgé,
Le fils tout dégoutant du meurtre de son pére,
Et sa tête à la main demandant son salaire.

Que ha pois de mais horrivel na propria essencia, de mais criminoso em suas phases differentes, de mais inglorio e lamentavel em resultados finaes? Soprar discordias de irmãos em presença de aggravos e de descontentamentos longe de affirmar espirito recto e juizo atilado é contorcer e retalhar a patria na fauce incruenta de um cemiterio.

A Historia ahi está patente ao estudo e á meditação de todos os pensadores para que vejam quanto é illusoria uma guerra civil e quanto vale intrinseca e psychologicamente. Jámais sáram feridas abertas por mão dos nossos e ainda que o sangue se estanque permanece intensa até a hora da morte a dôr moral de ingratidão e de desgraça, ás quaes se deu origem ou em que se serviu de instrumento.

Portugal conhece o genero de luctas a que

El-Rei D. Carlos I em Inglaterra

EDUARDO VII RECEBENDO D. CARLOS I NA SUA CHEGADA A WINDSOR

BEIRA — Caes da Alfandega

BEIRA — Almoxarifado

acabo de alludir e o facto de escrever agora na capital de um povo cujo solo guarda sepulturas rasgadas pelo fragor de revoluções não remotas dispensa-me de mais commentarios em assumpto pouco agradavel, que é de molde a não sopitar lembranças funebres e que, pelo contrario, só escurece alegrias e aviva tristezas.

Entretanto, é melhor uma revolução que um systema de villania e de indignidade, é justificada uma guerra civil que desbanca o despotismo e varre a corrupção.

D. Francisco de Noronha.

Algumas noticias de archeologia, arte e historia portuguezas

I

Dispersas nas folhas soltas dos jornaes se encontram dia a dia noticias pequenas, que muito interessam á historia da archeologia e da arte nacionaes, ou se prendem com os mais curiosos assumptos da historia-patria. Ora são registos de publicações importantes, de restricta publicidade, ora apontamentos sobre inestimaveis objectos de valor artistico ou historico que apparecem em obras, excavações ou leilões; ora noticia de museus que se estabelecem no paiz, ou de aperfeiçoamentos e melhoramentos que n'elles se introduzem; ora, finalmente outras que nos denunciam os ultimos trabalhos artisticos dos nossos mais distinctos pintores, esculptores, architectos ou ornamentistas.

Todas estas noticias se perdem n'essas folhas volantes dos periodicos que as inserem; nos farrapos do papel despedaçado, empregado em embrulhos, em mil serventias diversas, somem-se as numerosas noticias que tanto interessam a vida historica e artistica de Portugal. Portanto parece-me que reunil-as, compendial-as n'esta despretenciosa revista, e inseril-a nas columnas do Occidente, repositorio antigo de tantos assumptos nacionaes, será prestar um bom serviço, ainda que mui simples e facil, á historia, á arte, e á archeologia do nosso paiz.

* * *

Em Santarem, n'essa cidade cheia de velhas tradições, onde pullulavam egrejas e conventos, e onde o vandalico camartello demolidor tantas valiosas curiosidades historicas e artisticas destruiu, teem ficado ultimamente devoluto, por morte das ultimas freiras, alguns conventos antigos.

Um d'elles foi o Mosteiro das Carmelitas, cujo inventario começou a fazer-se em maio do corrente anno, pela repartição de fazenda do districto. O governo enviou alli, como seus commissionados, os professores da Academia de Bellas Artes, srs. Antonio José Nunes Junior e José Luiz Monteiro, com o thesoureiro da mesma Academia o sr. Manuel Nicolau da Costa, para escolherem no espolio os objectos de maior valia, dignos de figurar no Museu Nacional de Bellas Artes. Procedendo a detido exame apartaram: dois quadros, uma cruz de madeira com embutidos de madreperola, uma imagem de pedra muito tosca da Virgem, um busto de S. Pedro em tamanho natural, alguns azulejos em relevo, um pequeno buffete, uma casula e estola bordada a matiz, um frontal de seda, uma coberta de chita antiga, uma urna de buxo que servia nas eleições, duas medalhas com pedras, uma pequena porção de franjas usadas, e um baixo relevo com inscripção gothica. (*Diario de Noticias*, de 5 de maio de 1902).

Em 18 de abril ultimo fallecia na mesma cidade, de 90 annos, a ultima freira do Convento de Santa Clara, trazendo esta morte como consequencia a extincção do antiguissimo Convento de Claristas, fundação de D. Affonso III (1259 ou 1272), velho edificio com a sua torre de rosacea florida, e com uma vasta egreja de tres naves, riquissimas capellas, e grande côro adornado de bons quadros de pintura antiga, ao fundo do qual se ergue o mausoleu de D. Leonor Affonso, filha natural de D. Affonso III, a qual foi freira n'esta clausura. Tambem n'este mosteiro esteve reclusa longos annos a celebre D. Joanna, a *Beltraneja* ou *Excellente Senhora*, que professou aos 18 annos, em 1480, e alli morreu em 1530.

A camara municipal de Santarem pediu o convento, que é vasto e de grandes accomodações, para n'elle estabelecer uma eschola de habilitação para o magisterio e um hospital militar.

Procedeu-se ao arrolamento dos mobiliarios do extincto convento, entre os quaes consta haver preciosidades, que segundo se diz bastariam para formar o nucleo de um museu de bellas artes e archeologia na cidade scalabitana, a exemplo do que se tem conseguido realisar n'outras cidades do reino, como em Coimbra, pela feliz iniciativa do bispo conde, e como se pretende agora iniciar em Setubal, aproveitando as riquissimas preciosidades da antiga capella do Corpo Santo.

Oxalá venha a realizar-se este bom desejo dos scalabitanos. (*Diario de Noticias*, de 19 de abril de 1902).

* * *

No dia 21 de novembro ultimo, foi posto em praça no ministerio da fazenda, o edificio do convento de Santa Clara, com todas as suas dependencias que são: a egreja, a casa de residencia do capellão, a hospedaria antiga, duas casas terreas e uma sobradada, terras de semeadura e oliveiras denominadas Cêrca de Fóra, tudo pela avaliação de 11:601$000 réis.

* * *

Para a construcção da avenida dos Anjos, em Lisboa, vae ser expropriado o terreno junto á egreja, que durante muitos annos serviu de cemiterio parochial. Ainda não ha muitos annos, quando alli se ia a plantar uma oliveira, se encontraram muitos caixões e ossadas e um corpo completamente mumificado.

E' mais um dos velhos cemiterios da cidade que vae desapparecer, sepultando-se nos alicerces de futuras construcções ou no sub-solo das futuras avenidas, muitos restos mortaes, quem sabe de quantos cidadãos prestantes. Assim despareceram os vestigios da sepultura de Bocage, no cemiteriosinho das Mercês, hoje transformado em fabrica de carruagens.

* * *

Para concluir a revista d'este numero, reproduziremos uma noticia que vem avivar-nos a saudosa lembrança de Liberato Telles, ha pouco fallecido. Este distinctissimo conductor de obras publicas, ultimamente agraciado com a promoção ao honroso cargo de conductor principal, organizára uma monographia interessante, como outras que elle deu á estampa, ácerca do edificio e egreja do antigo convento de S. Paulo, em Almada, cujas obras de restauração foram, durante bastante tempo, dirigidas por aquelle illustre e benemerito funccionario. Esta memoria, porém, infelizmente ficou manuscripta, e foi pelo auctor offerecida e enderessada ao conselho superior dos monumentos nacionaes, acompanhada de um magnifico album contendo photographias das fachadas, planta e corte do edificio, onde repousam entre outras, as ossadas de fr. Francisco Foreiro, qualificador do Santo Officio, e confessor de D. João III, que alli falleceu em 1581, e de D. Alvaro Abranches da Camara, um dos mais valorosos campeões da independencia, em 1640, e heroe das luctas com os hollandezes no Brazil.

O fallecido Liberato Telles, cujo dedicado amor pelas cousas nacionaes e pelos assumptos artisticos e archeologicos era bem conhecido, pedia que o antigo convento de S. Paulo, theatro do pungente drama da vida de fr. Luiz de Sousa, fosse considerado monumento nacional.

Ainda ha pouco, um dos nossos mais illustres investigadores, que tantos e tão relevantes serviços tem prestado á historia da arte nacional, o sr. dr Sousa Viterbo, chamára sobre este edificio antiquissimo as attenções dos estudiosos, na sua interessantissima Memoria, publicada na collecção das Memorias da Academia Real das Sciencias, intitulada: *D. Manuel de Sousa Coutinho (fr. Luiz de Sousa) e sua mulher D. Magdalena Tavares de Vilhena* (op. de 60 pg.—1902).

Liberato Telles publicára tambem em 1901, no *Boletim da Associação dos Conductores de Obras publicas*, e depois em bella *separata*, a sua excellente memoria ácerca do antigo mosteiro e egreja da Madre de Deus, monographia acompanhada de um precioso album de illustrações de B. Ceia.

Relevante serviço prestariam por certo o *Conselho Superior dos Monumentos*, ou a referida *Associação*, publicando a memoria ácerca do convento de S. Paulo.

* * *

Em subsequentes revistas iremos registando noticias analogas, que ficarão compendiadas, e d'esta sorte talvez salvas do completo esquecimento a que geralmente são condemnadas as locaes dos jornaes diarios.

Novembro, 1902. *Victor Ribeiro.*

A natureza e seus phenomenos

(Continuado do numero antecedente)

I

PHYSICA

PARTE I

A GRAVIDADE

CAPITULO I

Das propriedades geraes da materia

Gravidade — Todos os corpos abandonados a si mesmos cahem n'uma direcção perpendicular (direcção da gravidade). Essa direcção é a do centro da terra.

A *linha vertical* é a linha da direcção da gravidade, ou a linha recta que os corpos descrevem quando abandonados a si mesmo.

O plano que passa por essa linha, chama-se plano *vertical*.

A gravidade actuando sobre um corpo, actua em todas as suas moleculas. A resultante, ou a somma de todas as acções que a gravidade exerce nas moleculas d'esse corpo, é o seu peso *absoluto*.

Todos os corpos teem, pois, *peso absoluto*.

O *peso absoluto* de um corpo é tanto maior, quanto maior fôr a resistencia que elle opposer á gravidade. Um corpo mais pesado opporá por conseguinte, maior resistencia do que um corpo mais *leve*.

Além do peso *absoluto*, os corpos teem tambem um peso *relativo*, isto é o peso d'esse corpo comparado com outro que se toma por unidade.

A unidade geralmente adoptada é o *gramma* e seus *multiplos (deca, hecto, kilo, myria)* e *submultiplos (deci, centi* e *milli)*.

Por meio de balanças se verifica o peso *relativo* dos corpos.

A *balança ordinaria* consta de um travessão que se appoia sobre uma columna, por meio de um cutello situado na parte central d'esta. Na extremidade d'essa columna, existem os dois pratos da balança, os quaes deverão ter o mesmo peso. Um ponteiro denominado *fiel*, collocado ao centro do travessão, gira sobre um quadrante graduado.

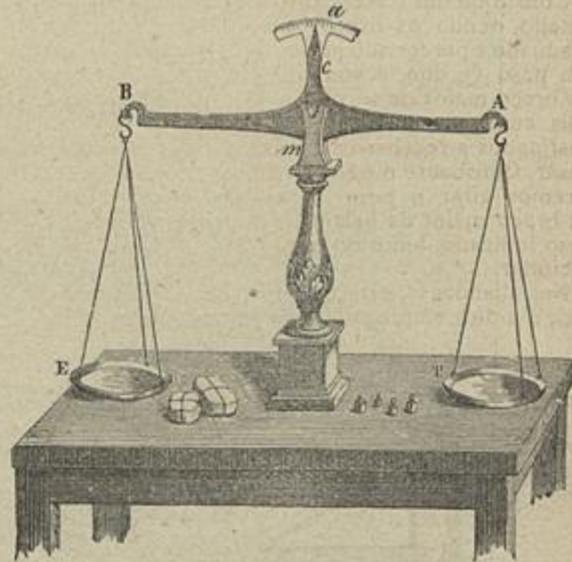



Fig. 7 — Balança ordinaria

Colloca-se o corpo a pesar n'um dos pratos da balança, e, no prato opposto, os pesos que lhe servem de comparação. Quando o travessão estiver horizontal, o peso nos dois pratos da balança, são eguaes. Se fôr necessario, por exemplo, collocar dez kilogrammas n'um dos pratos para equilibrar o peso do corpo, dizemos que o peso d'este é de dez kilogrammas.

D'aqui, o podermos saber se um corpo é mais ou menos pesado do que outro. Um corpo que tiver 5 kilogrammas é necessariamente mais leve do que outro que pesar 10 ou 15 kilogrammas.

A *balança de precisão*, empregada em pesagens rigorosas, differe d'esta, no travessão poder abaixar-se ou elevar-se por meio de uma haste que entra na columna, sendo esta movida por meio de um botão existente fóra da balança, e descançando esta, emquanto não funcciona, sobre dois pratos horizontaes que se podem egualmente, abaixar á vontade quando pretendemos fazel a funccionar. O instrumento é abrigado n'um estojo de vidro que o protege da humidade.

A *balança de Roberval* differe d'estas, pelo fa-

cto dos pratos da balança se acharem na parte superior do travessão.

Todas estas balanças de que temos tratado, denominam-se de *braços eguaes*, porque a distancia do centro da balança (ponto onde se encontra o *fiel*) até aos seus extremos) pontos onde se encontram os *pratos*) são eguaes.

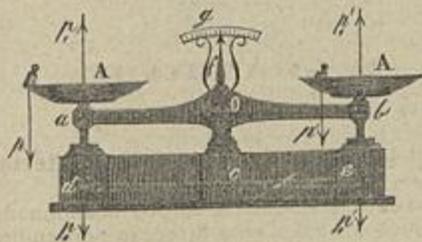



Fig. 8 — Balança de Roberval

Braço de uma balança é, pois, a distancia entre o ponto onde a balança se fixa e cada um dos seus extremos.

Como exemplo de balanças de braços deseguaes, citaremos a *balança romana*.

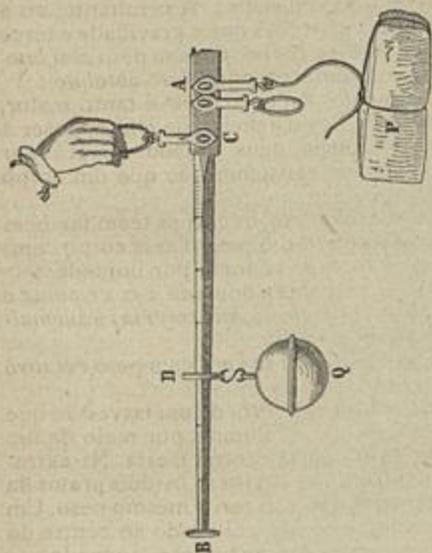



Fig. 9 — Balança romana

Consta de um travessão suspenso em C por um cutello, tendo os braços deseguaes. O maior é graduado e percorrido por um annel no qual existe um peso Q, que, á vontade se desloca ao longo do braço maior do travessão. O braço menor tem dois cutellos nos quaes se suspendem *ganchos* destinados a receber os corpos que se pretendem pesar. Consoante o peso é maior ou menor, assim, faremos girar o peso Q para um ou outro lado da braço maior da balança, lendo, em seguida, o peso indicado, junto do ponto onde o fazemos estacionar.

Nas alfandegas, estações de caminhos de ferro, etc., é muito empregada a *balança decimal*.

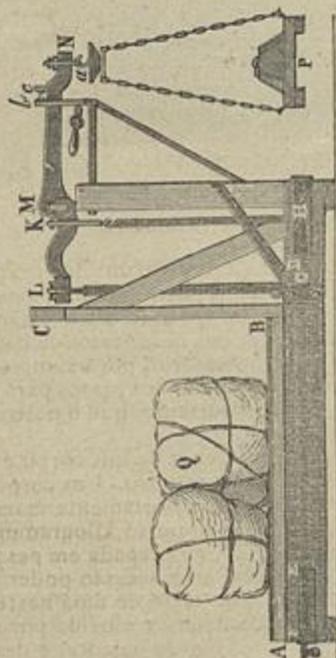



Fig. 10 — Balança decimal

Consta de um estrado onde se appoiam duas reguas de madeira assentes, por um dos lados, sobre cutellos, e pelo outro, ao ponto *K* do travessão por meio da haste *HK*. É no extremo *N* do travessão *LN* que se colloca o prato da balança destinada a receber os pesos que hão de servir de comparação ao peso do corpo que desejamos obter. Por construcção 10 KM = MN. Para que se estabeleça o equilibrio devemos, pois, collocar no prato *P*, um peso dez vezes menor do que aquelle que se achar na estrado *AB*. O equilibrio effectua-se quando a haste *b* estiver em frente da haste *c*.

Equilibrio e, pois, a acção de duas forças actuando no mesmo ponto e neutralizando-se reciprocamente.

Supponhamos um objecto em cima de uma cadeira. Emquanto esta estiver na sua posição natural, o corpo está equilibrado. Levantando os dois pés da cadeira, uma força impelle o objecto para o chão, cessando o equilibrio. Essa força sendo superior áquella que equilibrava o corpo, obriga o a cahir.

Para se conhecer as condições de equilibro nos corpos, necessita saber-se onde se acha situado, o seu *centro de gravidade*.

Em geral, o centro de gravidade acha se situado no centro do corpo.

Chamamos *centro de gravidade*, o ponto onde a gravidade actua mais directamente.

Ha trez estados de equilibrio nos corpos.

1.º O equilibrio diz se *estavel*, quando o centro de gravidade do corpo está abaixo do centro de suspensão. O corpo conserva-se sempre em equilibrio, embora cesse a causa do desvio que elle soffreu. Uma pyramide assente sobre a base está em equilibrio *estavel*.

2.º O equilibrio é *instavel* no caso contrario. O equilibrio cessa, quando terminar a causa do desvio que o corpo soffreu. É o que succede com uma pyramide collocada sobre o seu vertice.

3.º O equilibrio é *indifferente* quando o centro de gravidade do corpo coincide com o seu centro de suspensão então o corpo conserva-se em equilibrio em qualquer posição. Um livro sobre uma mesa está em equilibrio indifferente.

Com o corpo humano pode se egualmente dar um exemplo das tres especies de equilibrio.

Um individuo em pé, appoiado sobre os dois pés, está em equilibrio *estavel*. Um individuo de cabeça para o chão e os pés para o ar, está em equilibrio *instavel*. Um individuo deitado está em equilibrio *indifferente*. No 1.º e 3.º caso, o equilibrio mantem-se; no 2.º caso, cessa o equilibrio terminando a causa que obrigou o individuo a tomar essa posição.

É uma consequencia de equilibrio, o facto de um homem estar mais firme sobre os dois pés do que n'um, e ainda, quando este carrega com um fardo pesado, inclinar parte do corpo para o lado opposto da carga. Por um facto identico, quando andamos, deslocamos apenas um pé de cada vez.

(Continúa) *Antonio A. O. Machado.*

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

E assim deu entrada o edoso fidalgo na mansão de seus avós, e a datar daquella primeira hora, os dias, as semanas e os mêzes decorrêram quasi uniformes.

Não conseguia sentir-se na sua propria casa. Assemilhava-se áquelle malfadado Ripp van Winkle, o herõe de uma lenda nórte-americana assás estapafurdia, o qual, durante vinte annos, permanecêra adormecido em um fôjo da montanha de Kaatskill, e que ao regressar aos penates, nem reconheceu a sua aldeia, nem incontrou a propria casa, e em vão procurou a estalagem, transformada em grande hotel, e na insignia da qual, em vez de «Jorge 3.º» — leu: «general Washington». Tentou tambem informar-se com respeito aos seus joviaes camaradas de outros tempos. O mestre-escóla, eleito deputado ao Congresso, ausentára-se, outro, succumbira em uma batálha, sobre o terceiro, cerrára-se já a lousa do sepulcro, e assim por diante, a ponto tal que o malfadado em sua afflicção, exclamou: Já não ha pois quem conheça a Ripp van Winkle? — Não havia dormido Radnothy, apenas durante as horas de descanso, e isso mesmo só pelo espaço de anno e meio; que elle, tambem, não bradou de afflicto, e comtudo, sentia-se cem vezes mais infeliz que Ripp Van Winkle.

Com difficuldade se habituava a tudo aquillo, ou antes, não conseguira habituar-se. Oscilláva entre o passado e o presente; nem podia esquecer, pois que tudo lhe recordáva o passádo, e de bom grado olvidava o presente, sempre que em seus devaneios evocáva o passádo Dir-se-ia haver plantado arraiaes no seu aposento um espirito maligno, que de noite o acordáva, espreitando-o, ora daqui, ora dali, rindo-se delle, e deixando o entregue á sua propria magua. Quantas vezes, de manhã, ao accordar, não estendia elle a mão para agarrar no relogio de prata, este porem, desapparecera, havia muito tempo. E pedia ao Estevam esta ou aquella péça de vestuario, que, sem se saber como, ou como não, ia incontrar esfarrapáda; succedia-lhe amiude fazêl-o andar em procura dos cachimbos, e, quantas mãos estes haveriam corrido, só Deus o sabia; perguntava pelo boné de trazer por cása, que a mulher lhe havia bordado, e que elle, — tinha o bem presente na memoria, — havia arrecadádo na gavéta da papeleira. Em taes occasiões, ordinariamente, irritava-se, pegava a blasfemar, supposto isso não estivesse nos seus habitos, e quasi sempre tinha que admoestar o criado que lhe deixara arrefécer o café, que se esquecêra de lhe deitar açucar; punha-se a procurar o açucareiro, não o incontrava por parte alguma, e desandava a fazer grande alarido. Tinha o Estevam que lhe repetir, vezes sem conto, que o açucareiro era coisa que não existia na casa, que o açucar estava ao pé do pão partido; e o amo de lho repetir, por tres e quatro vêzes, quasi nunca irado, antes, com dôr abafada. Bem, bem, já ouvi, não é preciso estares ahi a gritar-me aos ouvidos!

E o quarto, Deus do ceu! onde incontrava dantes um tal conchêgo, os antigos moveis, a cada um dos quaes coincidia uma recordação! Estes, dir-se-ia haverem permanecido ali, de proposito para lhas avivar, e as ruinas que delles restavam, éra como se, de cáso pensádo, se empenhassem em torturar o dono no seu regresso, e em não lhe consentir um momento de socêgo. No soalho, aqui e ali, desconjuntado, ou remendado torpemente, quantas vezes não tropeçava, e quando se sentava, gemia a sua velha e preferida poltrona, côxa e estropeada, agora. Nem se atrevia a olhar para as proprias parêdes, sem que se lhe confrangisse o coração, os seus tão preciosos trofeus de armas já ali não rutilavam, os retratos dos avoengos, todos elles buracos ou indignamente mutilados. Ao rosto venerando da avó, havia mão impia applicado um bigode desenhado a carvão, e na bôca do avô, um cachimbo, pelo mesmo processo. Nada se achava incolume, coisa alguma no logar competente. Aquella mêsa de abas pertencêra em tempos ao quarto dos hospedes; aquelle pesado cabide teve que ser removido do quarto do feitôr; o sofá, em vez de marroquim, estava forrado com estôpa caseira, e, atravacando-lhe o espaço livre, numero de cadeiras desirmanadas, tal qual a arrecadação de um adélo. Por mais de uma vez tentou fazer entrar tudo na ordem; mas não conseguiu estabelecer, quer a symetria, quer a commodidade e o asseio de outros tempos. Desistiu, tornou a tentar, mas não tardou em desanimar, e para descansar, sentou se á secretaria. E poz os olhos no sitio am que dantes existia o ponderôso tinteiro, o agigantado areeiro de estanho, onde se accummulava tanta papelada, aqui os documentos officiaes, ali os particulares, ligados com fitas e comprimidos pelo pésapapeis de marmore.

E accudiu-lhe á memoria, em como uma vez, por causa de um certo processo intrincado, elle e um jurado haviam perdido ali a noite a revolver papeis; e em taes occasiões costumava a espôsa vir ali ter com elle, a pedir-lhe que viesse socegar, e não estivesse a arriscar d'aquelle mődo a saude, e que ámanhã tambem éra dia. Palávra puxa palavra, alteráram, sem que soubessem porque ou porque não, e a consequencia foi o elle em toda a noite não poder dormir ou trabalhar. «Minha pobre mulher»! suspirou, e de cada vez com mais saudade, puxou as gavêtas, agora sem chaves e com as fechaduras arrombádas, nas quaes costumava guardar os papeis de maior importancia, os documentos de familia, contractos e obrigações etc. Nem o minimo fragmento incontrou, sequer, e todavia, continuou a rebuscar, a rebuscar, e quando, porfim, desistiu, resvalou involuntariamente na poltrôna, e poz-se a pensar e a contar pelos dêdos a importancia dos obrigações; — de tudo se lembrava perfeitamente, como se as tivera ali debaixo da vista. — Acto continuo, bateu uma forte punhåda na mêsa e bradou tão de rijo: «quarenta mil florins em prata!» que a infesáda Maria, que passava em frente da janela, de aterrada, gritou, e deitou a fugir.

Os restantes aposentos achavam-se ainda em mais lastimoso estado. Visitava-os, um por um, duas, três vezes ao dia, qual alma penada. Fazia écho a vasta quanto erma sála de jantar; ouvia

distinctamente a resonancia dos proprios passos, coisa que até ali nunca havia notado. Estremeceu ante facto tão natural, olhou para traz e não viu viv'alma, e comtudo, não lhe faltava que vêr: o vasto armario com as vidraças escancarádas, o gancho solitario do qual pendia, outr'ora, o lustre, feito em hastilhas, havia muito, o logar ermo da antiga consóla, sobre a qual estivéra em tempos o relogio, tão certeiro e pontual em dar as horas, e cuja pancáda se ouvia por toda a casa.

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel).*

METEOROLOGIA

Dezembro de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
1	762,0	17,5-12,9	Nublado	WNW	5,7
2	768,3	15,3-12,0	»	NNW	2,3
3	770,9	16,0-11,8	Pouco nubl.	W	0,0
4	770,9	14,0- 8,6	Limpo	NNE	0,9
5	765,6	13,3- 7,5	Nublado	»	0,0
6	761,1	13,9- 8,3	»	ENE	0,0
7	755,6	15,0-13,4	Encob.	E	0,0
8	749,6	14,1-12,4	»	ESE	5,2
9	749,8	15,7-10,2	Nublado	WSW	3,6
10	753,0	11,7- 7,3	»	NNE	8,3

CHRONICA METEOROLOGICA

O vento continuou soprando do NW durante os dias 1 a 3, com alta sensivel barometrica, attingindo o seu maximo em 3 e 4 (max.: no Porto 772mm,1, em Lisboa 770mm,9). Resfriamento notavel a partir de 4 e até 6, descendo muito a temperatura, com vento do NE. Os minimos foram, em 5, de 4°,9 em Coimbra, 5° no Gerez e Moncorvo, 6° no Porto, Evora e Beja, 7° em Lagos, 7°,5 em Lisboa, etc. Accentuou-se, a partir de 6, a baixa do barometro, pela approximação de uma depressão vinda dos Açores, produzindo no reino, um tempo sombrio, e chuvas geraes, com elevação de temperatura. Persistiu até 10 este estado de atmosphera, notando-se n'este dia, um nevoeiro intenso, e diminuição de temperatura.

NECROLOGIA

LUIZ ASCENSIO THOMASINI

Falleceu no dia 29 de outubro proximo passado

LUIZ ASCENSIO THOMAZINI

FALLECIDO EM 29 DE OUTUBRO DE 1902

Luiz Ascencio Thomazini, que teve a sua epoca de gloria como pintor de marinhas, que o publico poude apreciar nas exposições d'arte da antiga Sociedade Promotora de Bellas Artes.

Poucos poderiam cultivar este genero de pintura com mais conhecimento de causa que Thomazini, e dizemos assim, porque o distincto amador, que alcançou foros de artista, foi um lobo do mar, segundo a phrase maritima, que passou metade da sua vida a luctar com o grande elemento.

Artista por inclinação natural, o mar foi para elle mais que o seu campo de acção em que granjeou com que viver na velhice, despertou-lhe n'alma o amor da Arte e d'ahi, ao aposentar-se das lides maritimas, veio repousar no seio d'ella, pedindo-lhe inspiração para a sua palheta.

Durante muitos annos concorreu a todas as exposições d'arte que se realisaram no paiz e a critica occupou-se largamente dos seus quadros encontrando em alguns verdadeiro merecimento.

Por occasião do centenario de Camões foi Thomazini que delineou e dirigiu a feitura do galeão que figurou no cortejo civico. Foi muito elogiada a sua obra.

Ha muito tempo, porém, que Thomazini depoz a palheta e as suas obras deixaram de apparecer em publico. Os achaques e a velhice tinham tomado conta d'elle, até que a morte o arrebatou ao amor dos seus e ao culto da Arte.

Não o esqueçamos nós deixando archivado n'estas paginas o seu retrato e estas singellas linhas.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Terrenos da Marinha. *Legitima defeza da Camara Municipal de Cascaes — Documentos colligidos pelo advogado Francisco Pinto Coelho — Lisboa, Imprensa de Libanio da Silva, 1902.*

Pela importancia juridica da questão que se debateu e para justificação dos actos da camara de Cascaes, que poderiam ser injustamente apreciados por quem não conhecesse a questão da defeza de um milhão de metros quadrados de terreno municipal, resolveu a camara de Cascaes publicar o presente folheto, encarregando ao distincto advogado sr. dr. Francisco Pinto Coelho de colligir as peças necessarias para esclarecimento do publico.

Por esses documentos se forma facilmente um perfeito juizo dos actos e intenções da camara, que são em verdade dignas de louvor.

O elemento portuguez no Brazil — *Conferencia pelo dr. Sylvio Romero — Typographia da Companhia Nacional Editora, Lisbôa, 1902.*

Da illustrada redacção do nosso presado collega *Mala da Europa* recebemos a offerta do folheto acima, publicado por ella no patriotico intuito de tornar perduravel e conhecida a magistral conferencia que o sr. dr. Sylvio Romero, um brazileiro illustre e amigo devotado de Portugal pronunciou em tempo no *Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro*, ácerca do elemento portuguez no Brazil. Nada mais justo do que essa enthusiastica apologia do colonisador portuguez, tecida leal e nobremente por uma das mais illustres figuras do Brazil contemporaneo, não fosse esquecida, ficando só nas columnas dos jornaes que a publicaram.

Salval-a d'essa vida ephemera, tornando-a conhecida dos que não ouviram a palavra auctorisada do orador ou, porventura não leram esse trabalho, era um acto que se impunha. A redacção da *Mala da Europa*, prestando a merecida homenagem, que tomou como um dever, honrou-se e reconheceu quanto lhe coube o alevantado serviço prestado aos interesses portuguezes pelo sr. dr. Sylvio Romero.

Boletim *da Sociedade de Geographia de Lisboa.*

Proseguindo no seu intento de pôr em dia a publicação do *Boletim* tem a actual direcção da Sociedade de Geographia procurado vencer as difficuldades que se apresentaram e parece tel-o conseguido, chegando á publicação regular de tão apreciado periodico.

Assim, temos presentes os boletins N.os 7 e 8 da 2.ª serie, relativos aos mezes de julho e agosto ultimos.

Encerram varias communicações de socios srs. Portugal Durão e A. Thomaz Pires, e outros trabalhos importantes.